

# O IMAGINÁRIO DO ESTADO NOVO PORTUGUÊS

**Aluno: Isabel Leão Diegues**  
**Orientador: Professora Izabel Margato**

## Introdução

Em 1926, Portugal inaugura um novo capítulo de sua história com o golpe militar que derruba a frágil e instável democracia da República Portuguesa. Alguns anos depois, com a constituição de 1933, instaura-se o mais longo regime de inspiração fascista da Europa. Baseado na tríade “Deus, pátria e família”, o Estado Novo Português (1932-1974) criou mecanismos altamente repressivos de manutenção do poder. Salazar, que esteve à frente do governo por quase todo este período, fez da administração doméstica a tônica de seu governo. Como um grande patriarca, fez da pátria a *Casa*, e dos portugueses, *seus filhos*.

A perpetuação do governo salazarista por quase meio século foi resultado de um conjunto de políticas públicas voltadas para a manutenção (e por que não, para a construção) de um imaginário português como povo conquistador e mantenedor de impérios. Com um discurso arraigado em valores morais, como o amor à pátria, à família e à igreja católica, o Estado Novo, através de práticas de censura, iria conter qualquer demonstração não-oficial do pensamento. O discurso oficial fôra construído criando mecanismos de legitimação do poder, gerando um consenso mudo que sustentaria, assim, a ficção do Estado.

## Objetivos

A pesquisa tem como objetivo a investigação e o mapeamento da literatura, dos discursos e das imagens que sustentaram o Estado Novo Português no poder durante longos anos; para, num segundo momento, confrontar estes documentos com a literatura e o discurso de resistência produzido em oposição ao governo salazarista. Nossa meta é, através dessa tensão, construir possíveis leituras e análises dos discursos do período.

A partir do levantamento das estratégias políticas utilizadas pelos órgãos oficiais do governo, nos deparamos com um dos mecanismos mais “eficientes” de controle: a educação infantil. Desde o primeiro momento, ainda em 1926, houve a primeira reforma curricular da educação infantil que visava diminuir o período das crianças na escola, “objetivando” os estudos e o foco do material didático empregado de forma a incutir na formação das crianças um forte componente ideológico e de doutrinação moral. Quatro eram os eixos fundamentais da política educativa nacionalista:

1. Compartimentalização do ensino: consistia na separação dos sexos, divisão das fileiras técnicas e liceais.
2. Redução do nível de ensino: diminuição dos anos de escolaridade obrigatória, simplificação das aprendizagens e conteúdos escolares.
3. Centralização autoritária: reforço da inspeção, nomeação de reitores.

4. Desprofissionalização do professorado: desqualificação acadêmica, redução de conteúdos e tempo investido na formação de professores, degradação do estatuto econômico.

Era explícita a intenção de formar crianças voltadas às idéias do Estado perpetuando mentalidades impostas, eliminando a atuação de vozes dissonantes. Como podemos observar neste trecho do discurso de Salazar:

*“Há, pois, que comprimir, e fortemente, custe o que custar – compressão nas horas seguidas e nos programas exuberantes, compressão na própria duração do ciclo liceal. Há que humanizar, diga-se assim, o ensino, reduzi-lo às condições humanas da psicologia e da vida individual e social. Atalhe-se à indigestão actual; ensine-se menos para se saber mais. Ouça-se a filosofia popular que quem muito abrange pouco aperta”* (Decreto nº 12.425, D.G. nº 220 de 2/10/1926).

O controle não era apenas da conduta, mas do pensamento e desenvolvimento intelectual de meninos e meninas. As escolas possuíam em seus murais frases como *"Obedece e saberás mandar!"*; *"Se tu soubesses o que custa mandar, gostarias mais de obedecer toda a vida!"* (OS, em *Vidas Lusófanos*)

Os livros didáticos a essa altura passam a ser peça fundamental da construção de um ideário voltado para a defesa da pátria, da moral e da família. Nesse sentido, os *Livros de Leitura* são da maior importância. Escolhidos e impostos pelo Ministério da Educação, os *Livros de Leitura* faziam a alfabetização e o desenvolvimento do aprendizado das crianças e jovens usando histórias que reforçavam o projeto de governo e a imobilidade social e intelectual da população. A preocupação era educar e não ensinar. Desde muito cedo, as crianças aprendiam os valores e conceitos defendidos pelo Estado Novo, solidificando um *determinado* ideário português.

*“A Joanhinha, logo que se levanta, lava-se, penteia-se, veste-se e calça-se. Quando vai dar os bons-dias aos pais, quase sempre a mãe lhe compõe um pouco melhor o laço da cabeça. Reza as suas orações, almoça e vai para a escola. Pobrezinha, mas muito lavada, vestido sem nódoas nem rasgões, é um encanto vê-la”* (Livro da 3ª classe, lição “A Joanhinha”, p.11)

*“Desde pequenina, a Maria de Fátima gostava de ter os vestidos arrumados e limpos. De vez em quando, lá deixava algum brinquedo fora do seu lugar; mas bastava uma pequena advertência da mãe para pôr tudo como devia. Na escola, desde a primeira classe, que tem merecido a simpatia da sua professora pela pontualidade com que todos os dias comparece, pela prontidão com que faz os exercícios, pela boa vontade com que escuta os seus conselhos e pelo arranjo e asseio dos livros e dos cadernos. Não é muito inteligente, mas é das que mais sabem”* (Livro da 3ª classe, lição “A felicidade pelo estudo”, p. 6)

*“Martim Moniz deixou-se cair atravessado nos batentes, para que a porta se não fechasse. Enquanto os mouros tentavam remover-lhe o corpo, acudiram os portugueses em chusma. Trocaram-se lançadas e cutiladas sobre o corpo do herói, mas a porta não se fechou. Os mouros recuaram em desordem, e os*

*portugueses avançaram cheios de entusiasmo. O bravo Martim Moniz, se ainda então conservava algum alento de vida, morreu contente por ver que os cristãos o calcavam aos pés para entrarem vitoriosos na cidade”* (Livro da 3ª classe, lição “O castelo de S. Jorge”, p. 26)

Maria Velho da Costa nos ensina, no prefácio que faz para a segunda edição do livro *Ensino Primário e Ideologia*, que os *Livros de Leitura* do Estado Novo são uma “*chave perdida para um enigma actual*” (MVC, p. 103). Pois nestas páginas estavam recolhidos “*o familialismo untuoso, o bucolismo decrépito, a terna colaboração de classe, o irracionalismo patrioteiro, o culto da ordem e asseio, a vocação da assépcia que evita a catástrofe sempre iminente, o academismo pedante, a sufocação pedagógica de que escapámos incólumes.*” (MVC, p. 103)

O projeto do governo salazarista era, através da educação e da pedagogia, através das **primeiras leituras**, inculcar idéias e ideais nos jovens, e mesmo nas crianças, construindo gerações de homens e mulheres formados para aceitar e enaltecer uma certa forma de conduzir a nação portuguesa. Eram “*adultos que foram crianças e jovens de um país coagido a agonizar sem incomodar.*” (MVC, p. 104)

Outra estratégia de manutenção do Estado através da educação, com a qual nos deparamos, foi a formação de grupos de jovens, sendo os dois principais a *Mocidade Portuguesa* e a *Mocidade Portuguesa Feminina*. Meninos e meninas, desde os 7 anos de idade, freqüentavam estas confrarias de formação e educação patriótica. As crianças eram divididas em grupos: os Lusitos eram os meninos de 7 a 10 anos; os Infantes, os de 10 a 14 anos; os Vanguardistas, os de 14 a 17 anos e os Cadetes, os de 17 a 25 anos. Para as moças não era diferente, dos 7 aos 10 anos faziam parte do grupo das Lusitas, dos 10 aos 14 das Infantas, dos 14 aos 17 das Vanguardistas e, por fim, a partir dos 17 anos, faziam parte do grupo das Lusas. Era preciso preparar as crianças não apenas para que não contestassem o regime, mas para que, ao contrário, garantissem sua estabilidade.

Estas organizações eram controladas pelo Ministério da Educação e eram conduzidas como organizações militares de doutrinação dos jovens e veiculação da ideologia do Estado na escola. Com chefias e patentes hierarquicamente administradas, os jovens que ocupariam os cargos mais altos eram escolhidos pelo próprio governo, através do Ministério da Educação. Criadas a partir de 1936, a função dos grupos de jovens era a complementação da educação das crianças, e serviam como reguladores da ordem e da moral. Além de possuírem mecanismos de delação e prevenção contra o comunismo. Motivados pelos hinos e por cursos de enfermagem, “arte de dizer” e culinária para as moças; e, para os rapazes, motivados pela formação do caráter, pelos esportes e pelo aprendizado paramilitar, a proposta de engajamento era tornarem-se “*sentinelas das mais lusas tradições*”. Podemos imaginar como era sedutor a uma criança a ordem, as armas e as fardas que vemos nas imagens de suas cartilhas escolares.

*“Temos que lutar pela verdade da vida que é luta, que é sacrifício, que é dor, mas que é também alegria, céu azul, almas lavadas e corações puros”* (Oliveira Salazar, Um dos lemas da Mocidade Portuguesa)

Também as mulheres tinham um papel fundamental na educação das crianças. A ponto de ter sido criada, em dado momento, a campanha de “regresso ao lar” como política de recolher as mulheres do mercado de trabalho de volta às suas casas, às tarefas domésticas e à educação dos filhos. Em abril de 1925, ainda antes do golpe, Salazar prenuncia, em discurso

sobre “O Bolchevismo e a Congregação” concedido ao Centro Católico de Funchal, o que estaria por vir.

*“Ensinai aos vossos filhos o trabalho, ensinai às vossas filhas a modéstia, ensinai a todos a virtude da economia. E se não poderdes fazer deles santos, fazei ao menos deles cristãos”* (Oliveira Salazar, em Salazar, Obreiro da Pátria)

A *Mocidade Portuguesa Feminina*, portanto, tinha um papel fundamental pois, além de formar as jovens portuguesas, estava formando também as mães que orientariam seus filhos, e fariam o papel de educadoras em casa. No salazarismo, a educação na escola era em parte substituída ou complementada por grupos jovens como as *Mocidades Portuguesas* e pela educação familiar.

Além da *Mocidade Portuguesa* e da *Mocidade Portuguesa Feminina*, havia muitas outras organizações, como a OMEN (organização das mães pela educação nacional), de natureza assistencialista. Muitas delas, mesmo as extra-oficiais, eram apoiadas pelo Estado.

A MPF editava alguns periódicos como “Menina e Moça”, “Acção Escolar”, entre outros. Estas revistas eram compostas por artigos de opinião ou notícias e tinham como foco a educação, tarefas que as moças deveriam desempenhar, críticas à modernização, etc. Como pudemos perceber, a política de Estado cercava de diversas maneiras a informação e a literatura que chegava aos jovens, controlando o que era ou não apropriado e condizente com o ideário estadonovista. A MPF era contra a “má literatura” e o “mau cinema”. Assim como era contra tudo que ameaçasse a estabilidade de comportamento dos portugueses como, por exemplo, exercícios que pudessem “ofender o pudor feminino”. Exercícios e esportes precisavam ser praticados com a “necessária moderação”.

A leitura permitida aos jovens, a leitura oferecida nas escolas, as histórias que chegavam às crianças e adolescentes portugueses durante o Estado Novo estavam embuídas de um propósito específico de formar e conduzir as crenças, as habilidades, a cultura na direção de um ideário português propiciando o controle e a manipulação. Não há neutralidade no que se refere à história, à literatura, aos signos que um governo escolhe, elege e transforma no seu discurso, seja do ponto de vista do discurso oral, seja do ponto de vista do discurso escrito ou do discurso imagético. São essas construções que conformam o ideário, posto que são elas que perpetuam (criando) a memória de um povo, de uma nação, de um país.

Muito da imagem que temos do mundo Grego vem das histórias de Homero. Muito do que guardamos do molejo da Bahia, suas cores, suas praias, vem da obra de Jorge Amado. O oeste americano conhecemos do cinema. Estas reconstruções literárias do mundo são inscritas no nosso imaginário com uma força que a história “real” nem sempre consegue impor. Mais que uma “verdade histórica”, o que há são relatos que, tomados por “oficiais” (ou impostos como tal), passam a ser considerados verdadeiros.

É inegável o poder da literatura, das fábulas, dos mitos na construção do imaginário e da identidade de uma nação. Era este o poder que estava em jogo, era esta a ferramenta que preocupava o Estado fazendo com que este se concentrasse na literatura, na educação e na produção de imagens que conduzissem a um consenso favorável ao poder.

## **Metodologia**

Nossa pesquisa vem se baseando na investigação dos meios pelos quais a Literatura foi sendo usada para a manutenção de um imaginário e de um discurso que visava a manutenção do poder do Estado Novo. Com a pesquisa, principalmente, de documentos relativos ao papel da literatura na educação durante o Estado Novo, buscamos identificar as fontes primárias, fazer a leitura e o fichamento da documentação reunida, além da leitura e fichamento de textos teóricos sobre o período, para nortear a compreensão e indicar a organização e catalogação do material recolhido.

Buscamos documentos na internet como: transcrições dos *Livros de Leitura* e suas capas, imagens, propagandas, hinos, discursos oficiais de Salazar e de outros membros do governo, decretos, estatutos, relatórios das entidades da época, dentre outros. Pudemos recolher também alguns relatos, encontrados na internet, da experiência de pessoas que se alfabetizaram e estudaram a partir dos *Livros de Leitura*. A internet é um caldeirão de possibilidades, nem sempre muito organizadas ou interessantes, mas nos relatos pessoais pudemos observar o quanto estes *Livros de Leitura* marcaram várias gerações. Assim como pudemos também recolher inúmeros escritos sobre as experiências das *Mocidades Portuguesas* e outros grupos jovens; apontando, muitos deles, para a relevância das mulheres como porta de entrada para as idéias salazaristas, por serem as educadoras das crianças: suas mães e professoras primárias.

## Conclusão

A partir deste levantamento inicial, nosso intuito é investigar de que modo a Literatura de resistência ao discurso oficial produzido dialogou com a ostensiva construção e fixação da imagem de Salazar, e o modo como a máquina de propaganda do Estado Novo português funcionava - o meio através do qual atuava na construção e na manutenção de um imaginário, o que possibilitou e viabilizou a permanência no poder de um governo altamente autoritário e repressivo por quase meio século.

Em 31 de dezembro de 1975, pouco antes do 25 de abril, Maria Velho da Costa questionava o legado às gerações futuras. “*Que manuais de leitura irão ler nossas crianças e analfabetos, que valores tem ainda esta comunidade a oferecer à face do mundo e a si própria?*” (MVC, p. 106).

Parte de nossa investigação a seguir será desvendar o que está por trás de ambos os discursos. E a partir da descoberta reveladora dos *Livros de Leitura*, compreender como pessoas alfabetizadas pelas leituras impostas pelo Estado Novo conseguiram construir um novo ideário. O que terá restado nestes homens e mulheres deste imaginário recolhido na infância através das cartilhas pró-Salazar?

Nos interessa desvendar de que maneira homens e mulheres carregam (ou não) parte deste imaginário recolhido na infância, na contestação do próprio regime que as criou; e que influências esse processo terá exercido em escritores e educadores formados pelos *Livros de Leitura* e pelos grupos jovens. Pois é a partir dessas marcas, desse legado que os portugueses, intelectuais ou não, tiveram que avançar na reestruturação do país.

## **Bibliografia**

ACCIAIUOLI, Margarida - A exposição de 1940: idéias, críticas e vivências. "Colóquio Artes", Lisboa, 2.a série, 32 (87) Dez. 1990, p. 18-25

ALMEIDA, João Ferreira de - Valores e representações sociais. Col. António Firmino da Costa. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1990

BARRETO, António, A Situação Social em Portugal. 1960-1995, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1996.

\_\_\_\_\_, Os Silêncios do Regime. Ensaios, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

\_\_\_\_\_, Uma Década. Retrato da Semana, 1991-1999, Lisboa, Relógio D'Água, 1999.

BARRETO, José - Os primórdios da Intersindical sob Marcelo Caetano. "Análise Social", Lisboa, 3.a série, 25 (105-106), 1990, p. 57-117

BAUMAN, Zygmunt, Globalização. As Consequências Humanas, trad. de Marcus Penchel, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

BENJAMIN, Walter. Documentos de cultura, documentos de barbárie. Trad. Willi Bolle et al. São Paulo: Cultrix, 1986.

BIRMINGHAM, David, História de Portugal. Uma Perspectiva Mundial, trad. de Ana Mafalda Tello, Lisboa, Terramar, 1998.

BRITO, António José de - Salazar e a doutrina política do Estado Novo. "Futuro Presente", Mem-Martins, 3.a série, 31, Out.-Dez. 1990, p. 22-26

BRITO, José Maria Brandão de, A Industrialização Portuguesa no Pós-Guerra (1948-1965), Lisboa, Dom Quixote, 1989.

BRITO, José Maria Brandão de, (Coord. de), Do Marcelismo ao Fim do Império, Lisboa, Editorial Notícias, 1999.

CABRAL, Manuel Vilaverde, Portugal na Alvorada do Século XX, Lisboa, 1979.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARMO, Hermano, (Coord. de), Exclusão Social. Rotas de Intervenção, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa, 1996.

CASTRO, Zília Maria Brandão Osório de - Cultura e política: Manuel Borges Carneiro e o vintismo. Lisboa, INIC, 1990

COELHO, Eduardo Prado. A noite do mundo. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988.

COSTA, António Luís Pinto da - O empréstimo externo de 1926-28: rendição da ditadura militar à ditadura financeira de Salazar. "História", Lisboa, 12 (131) Ago. 1990, p. 56-70

COSTA, Maria Velho da, Cravo, Lisboa: Dom Quixote. 1994.

CRUZ, Manuel Braga da - Os católicos e a vida pública portuguesa do liberalismo aos tempos de hoje. "Reflexão Cristã", Lisboa, 14 (68) Jan.-Fev. 1990, p. 5-20

CRUZ, Manuel Braga da - A participação política da juventude em Portugal: as élites políticas juvenis. "Análise Social", Lisboa, 3.a série, 25 (105-106), 1990, p. 223-249

\_\_\_\_\_, Monárquicos e Republicanos no Estado Novo, Lisboa, 1986.

\_\_\_\_\_, O Partido e o Estado no Salazarismo, Lisboa, Editorial Presença, 1988.

CUNHA, Joaquim da Silva - Salazar, a política ultramarina e a defesa do Ultramar. "Futuro Presente", Mem-Martins, 3.a série, 31, Out.-Dez. 1990, p. 45-48

DACOSTA, Fernando, Máscaras de Salazar, Lisboa, Editorial Notícias, 1997.

DOMINGUES, Joaquim - A visão messiânica do advento da República. "Revista Portuguesa de Filosofia", Braga, 46 (4) Out.-Dez. 1990, p. 479-512

FONTAINE, Pascal, A Construção Europeia de 1945 aos Nossos Dias, pref. de Mário Soares, ed. rev. por José Barros Moura, Lisboa, Gradiva, 1998.

FRANÇA, José Augusto - No limiar da exposição do mundo português. "Colóquio Artes", Lisboa, 2.a série, 32 (87) Dez. 1990, p. 5-11

FREIRE, João - Entre a cruz e o compasso: os anarquistas portugueses, a Igreja e a Maçonaria. "A Ideia", Lisboa, 55, Inv. 1990-1991, p. 14-17

\_\_\_\_\_, As juventudes sindicalistas: um movimento singular. "Penélope. Fazer e desfazer a história", Lisboa, 4, Abr. 1990, p. 119-137

GALVÃO, Henrique, SELVAGEM, Carlos, O Império Ultramarino Português, Lisboa, 1952.

GARCIA, José Carlos, e outros, A Emigração Portuguesa: uma Breve introdução, Lisboa, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1998.

GUERRA, Teixeira; FREIRE, António Siqueira; MAGALHÃES, José Calvet de, Os Movimentos de Cooperação e Integração Europeia no Pós-Guerra e a Participação de Portugal Nesses Movimentos, Lisboa, DIE, [s.d.].

HEYWOOD, Linda M. - UNITA and ethnic nationalism in Angola. "Journal of Modern African Studies", Inglaterra, 27 (1), 1989, p. 47-66

HOMEM, Amadeu Carvalho - O radicalismo republicano ou o temor do poder. "Revista Portuguesa de História", Coimbra, 25, 1989/90, p. 301-308

\_\_\_\_\_, A Propaganda Republicana, 1870-1910, Coimbra, 1990.

LEPECKI, Maria Lúcia. Ideologia e imaginário - ensaio sobre José Cardoso Pires Lisboa: Moraes, 1977.

LOUREIRO, João Adolfo, Economia e Sociedade - a Indústria no Após Guerra, Lisboa, Cosmos, 1991.

MACEDO, Jorge Borges de, "O aparecimento em Portugal do conceito de Programa Político", Democracia e Liberdade, n.º 20, Julho de 1981, p. 11-57.

MARQUES, Alfredo, Política Económica e Desenvolvimento em Portugal (1926-1959), Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

MARQUES, Silvino Silvério - Salazar e a defesa do Ultramar. "Africana", Porto, 3 (7) Set. 1990, p. 157-174

MARTINS, Ferreira, Portugal na Grande Guerra, 2 vols., Lisboa, 1934 a 1938.

MARTINS, Moisés de Lemos - O olho de Deus no discurso salazarista. Porto, Afrontamento, cop. 1990. Bibliografia, p. 213-221

MARTINS, Oliveira - Portugal e o socialismo: exame constitucional da sociedade portuguesa e sua reorganização pelo socialismo. Pref. António Sérgio. 3.a ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1990

MATOS, Sérgio Campos, História, Mitologia, Imaginário Nacional- A História no curso dos liceus (1895-1939), Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

MATTOSO, José, A Escrita da História. Teoria e Método, Lisboa, Editorial Estampa, 1983.

MATTOSO, José, (Dir.), História de Portugal, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1993.

MAXWELL, A Construção da Democracia em Portugal, trad. de Carlos Leone, rev. de Saul Barata, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

MEDEIROS, Fernando, A Sociedade e a Economia Portuguesa nas Prigens do Salazarismo, Lisboa, A Regra do Jogo, 1978.

MEDINA, João, As Conferência do Casino e o Socialismo em Portugal, Lisboa, D. Quixote, 1984.

\_\_\_\_\_, Morte e Transfiguração de Sidónio Pais, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.

\_\_\_\_\_, Oh! A República..., Lisboa, INIC, 1991.

MEDINA, João, (Dir.), História de Portugal, 15 vols., Lisboa, Ediclube, 1993.

MEDINA, João; TELO, António; VENTURA, António, "A Europa: reflexões a partir da História", separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1994.

MIRANDA, Sacuntala de, A Emigração Portuguesa e o Atlântico. 1870-1930, Lisboa, Edições Salamandra, 1999.

MÓNICA, Maria Filomena, Educação e Sociedade no Portugal de Salazar: a escola primária salazarista, 1926-1939, Lisboa, Editorial Presença, 1978.

\_\_\_\_\_, O Movimento Socialista em Portugal (1875-1934), Lisboa, 1985.

MOREIRA, Américo Montes - The role of Marxism in the Anti-Colonial Revolution in Black Africa. Boston, Boston Coll, 1989

NOWELL, Charles, The Rose Colored Map, Lisboa, JICU, 1982.

PEDREIRINHO, José Manuel - Exposição histórica do mundo português, a metáfora da cidade. "História", Lisboa, 12 (132) Set. 1990, p. 4-27

PEIXOTO, Nelson Brissac. Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, José Pacheco - A clandestinidade: componente da cultura comunista. "Risco", Lisboa, 14, Verão 1990, p. 89-99

PINTO, António Costa - O salazarismo na recente investigação sobre o fascismo europeu: velhos problemas, velhas respostas?. "Análise Social", Lisboa, 3.a série, 25 (108-109), 1990, p. 695-713

PINTO, Jaime Nogueira - As origens ideológicas do fascismo e do Estado Novo: problemas e perspectivas. "Futuro Presente", Mem-Martins, 3.a série, 31, Out.-Dez. 1990, p. 27-33

PINTO, Maria de Fátima, Os Indigentes. Entre a Assistência e a Repressão. A Outra Lisboa no 1.º Terço do Século, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

- QUINOTE e REBELO, Maria de Lourdes e José. "Portugal: 50 años de devastación educativa". In *Fascismo y Educación*. Cuadernos de Pedagogía. Barcelona, Publicaciones Mundial, septiembre 1976, p. 57.
- REIS, António, dir.de, Portugal Contemporâneo, vol. 6, Lisboa, Publicações Alfa, 1992.
- REIS, Jaime, O atraso económico português 1860-1913, Lisboa, 1993.
- REIS, João, (Dir.), Portugal- 20 anos de Democracia, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1993.
- ROSAS, Fernando, O Estado Novo nos Anos Trinta. 1928-1938, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- \_\_\_\_\_, Pensamento e Ação Política, Portugal século XX (1890-1976), Lisboa: Lusomundo. 2003
- \_\_\_\_\_, Portugal entre a Paz e a Guerra, Lisboa, Editorial Estampa, 1990.
- ROSAS, Fernando e BRITO, J.M. Brandão de (Dir.), Dicionário de história do Estado Novo, Venda Nova, Bertrand, 1996.
- SÁ, Vítor de - História e progresso. "Seara Nova", Lisboa, 29, Mai.-Jun. 1990, p. 5-12
- \_\_\_\_\_, Sentido do tempo. "Seara Nova", Lisboa, 28, Mar.-Abr. 1990, p. 3-6
- \_\_\_\_\_, A Crise do Liberalismo, 2<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1974.
- SALAZAR, António de Oliveira, Discursos, 6 vols., Coimbra, 1944.
- SANTOS, Maria Helena Carvalho dos - Do mapa cor-de-rosa à bandeira verde-rubra. "História", Lisboa, 12 (133) Out. 1990, p. 4-49
- SCHIRÒ, Luís Bensaja dei - Fascismo mussoliniano e fascismo salazarista. "Estudos Italianos em Portugal", Lisboa, 51-53, 1988-1990, p. 263-294
- SCHMITTER, Phillippe C., Portugal: do Autoritarismo à Democracia, trad. de Mariana Pardal Monteiro, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1999.
- SEDAS NUNES, Adérito, Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais, Lisboa, Editorial Presença, 1990.
- SÉRGIO, António, Breve Interpretação da História de Portugal, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1979.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, Herculano e a Consciência do Liberalismo português, Lisboa, 1977.
- \_\_\_\_\_, História de Portugal, Lisboa, Editorial Verbo, 1976-86.
- SERRÃO, Joel, (Dir.), Dicionário de História de Portugal, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981.
- SERRÃO, Joel, Da Indústria Portuguesa-antologia, Lisboa, 1959 e 1962.
- SILBERT, Albert, Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.
- SILVA, Manuela (organização e prefácio) e outros, Portugal Contemporâneo - problemas e perspectivas, Lisboa, INA, 1986.
- SOARES, Mário, Portugal Amordaçado, Lisboa, 1988.
- SPÍNOLA, António de, Portugal e o Futuro, Lisboa, Arcádia, 1974.
- TELO, António José, Decadência e Queda da 1<sup>a</sup> República Portuguesa, 2 vols., Lisboa, A Regra do Jogo, 1980 a 1984.
- \_\_\_\_\_, Economia e Império no Portugal Contemporâneo, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.

TENGARRINHA, José, *Da Liberdade Mitificada à Liberdade Subvertida*, Lisboa, Colibri, 1993.

\_\_\_\_\_, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, 1983.

TORGAL, Luís Reis - Estado, ideologia e história em Portugal: breves reflexões sobre um tema em análise. "Cadernos de Ciências Sociais", Porto, 8-9, Fev. 1990, p. 99-108

TORGAL, Luís Reis e outros, *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*, vol. II - Da historiografia à memória histórica, Lisboa, Temas & Debates, 1998.

TORRES, António Maria M. Pinheiro - Salazar e a Igreja. "Futuro Presente", Mem-Martins, 3.a série, 31, Out.-Dez. 1990, p. 34-37

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha, *Fenómeno da Emigração em Portugal*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1992.

VALENTE, Vasco Pulido, *A «República Velha» (1910-1917)*, Lisboa, Gradiva, 1997.

\_\_\_\_\_, *O Poder e o Povo: a Revolução de 1910*, Lisboa, D. Quixote, 1976.

VICENTE, António Pedro, *Espanha e Portugal/ Do Antigo ao Novo Regime: similitudes e alternativas no acesso ao Liberalismo*, Lisboa, APH, 1990.

VIEIRA, Joaquim, *Portugal Século XX. Crónica em Imagens*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1999.

VVAA, *A Formação do Portugal Contemporâneo 1900-1980*, 2 vols., Lisboa, Análise Social, 1982.

\_\_\_\_\_, "Portugal 1974/1984- dez anos de transformação social", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2 vols., Coimbra, 1985.

\_\_\_\_\_, "Portugal e a Integração Europeia: balanço e perspectivas", *Análise Social*, números 118-119, Lisboa, 1992.

### **Bibliografia Linkografia:**

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde, *Estado Novo: Projeto Político Pedagógico e a Construção do Saber*, IN: *Revista Brasileira de História*. Universidade Federal Rural de Pernambuco: Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 36 São Paulo 1998

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci_arttext)

Fonte, Carlos, *Modelos de Formação de Professores em Portugal*. IN: *Navegando na Educação* <http://educar.no.sapo.pt/modelos.htm>, acesso em 30 Jul 2006

MOTA, Carlos Alberto Magalhães Gomes, *António Sérgio: a cultura a democracia e a educação*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal

[http://www.geocities.com/ail\\_br/antoniosergioculturademocracia.htm](http://www.geocities.com/ail_br/antoniosergioculturademocracia.htm)

“Salazar e a Educação Primária”. In *Revista Fronteiras*. Recife, abril/maio 1938, p.15.

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci_arttext)

Biblioteca Nacional Portuguesa

<http://bnd.bn.pt/ed/25abril/cronologia.html>

Vida e Obra do Grande Estadista Salazar

*Departamento de Letras*

<http://www.geocities.com/capitolhill/lobby/6559/>

Oliveira Salazar

<http://www.vidalusofonas.pt/salazar.htm>

Estatuto do ensino secundário

<http://phoenix.sce.fct.unl.pt/jmmatos/CLIVROS/CLVRSHTM/RFL07/RFL07.HTM>

<http://www.spce.org.pt/sem/7.pdf>

Salazar O Obreiro da Pátria

<http://www.oliveirasalazar.org/educacao.asp>

Livros de Leitura

<http://www.oliveirasalazar.org/educacao.asp>

VMAR, *A longa noite das trevas*. IN: *A Verdade da Mentira*. 2004

[http://a\\_verdade\\_da\\_mentira.weblog.com.pt/arquivo/091714.html](http://a_verdade_da_mentira.weblog.com.pt/arquivo/091714.html)